

# Indígenas preparam "lobby" para Rio-92

Isabel de Paula

Dois acontecimentos de peso internacional, marcados para 1992, envolvem diretamente os povos indígenas: a comemoração dos 500 anos do descobrimento da América e a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (a Rio-92). Conscientes da oportunidade rara de serem ouvidas as organizações indígenas estão se mobilizando para fazer um lobby, em alto e bom som, perante o mundo pela garantia da sobrevivência digna dos índios.

Exemplo claro desta mobilização é a criação do Comitê Intertribal na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Brasília, onde estão sendo traçadas as linhas de atuação das organizações indígenas nos dois eventos. Enquanto o governo espanhol reúne altas somas de dólares para investir na comemoração do quinto centenário do descobrimento da América, os índios avisam que a data será usada para

um grande questionamento acerca dos "500 anos de exploração e colonização".

"A comemoração ficará para os conquistadores. Nós, que resistimos até hoje a uma política de extermínio e integracionista, vamos lutar por dias melhores", diz o índio Orlando Baré, um dos responsáveis pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab). No próximo encontro de 500 anos da Resistência Indígena e Popular, na Guatemala, e anoque vem, os índios latino-americanos estabelecerão um plano comum para o futuro. Segundo Baré, a idéia é fortalecer as organizações indígenas, lutar pela garantia da demarcação de todas as terras e criar alianças com movimentos populares progressistas.

Os índios esquivam-se de qualquer festa triunfalista. Primeiro porque do ponto de vista antropológico seus antepassados foram os verdadeiros descobridores da América, onde chegaram há 40 mil anos ressalta o presidente da Associação Brasileira de Antropologia, Roque Laraia.



Os índios começam a se organizar com vistas à preservação de seu futuro durante a Rio-92

## Comitê busca apoio da ONU

O Comitê Intertribal-500 anos de resistência solicitou à Organização das Nações Unidas (ONU) a participação de três índios na terceira reunião preparatória para a Rio-92, que começa dia 12 próximo em Genebra (Suíça). Os índios pretendem apresentar uma tese indígena sobre meio ambiente e desenvolvimento para subsidiar as discussões de forma a obter um compromisso dos governos com a causa indígena.

A tese indígena sugere o desenvolvimento auto-sustentável baseado nas experiências e práticas seculares dos índios de preservação ambiental, já que os modelos até então adotados foram falhos. Para isso propõem a revalorização de seus modelos econômicos, o respeito aos habi-

tats naturais e prioridade nos estudos e promoção da prática indígena de uso da terra. Eles reivindicam ainda o direito sobre a propriedade intelectual, a biodiversidade das áreas que ocupam, seus usos científicos e econômicos.

A prioridade apresentada no documento, entretanto, e que promete ser objeto de grande lobby na Rio-92, é a demarcação de todas as terras indígenas até 1993, conforme o previsto na Constituição Federal. Há um temor generalizado dentro das organizações de que na revisão constitucional os índios percam direitos sobre a terra, em função da pressão de parlamentares representantes de mineradores no Congresso Nacional.

Os índios prometem atrair as atenções durante a Rio-92. Já está em negociação com o Governo a liberação de uma área próxima à sede da Conferência para a instalação do Parque Indígena Kari-oca.

## História comprova extermínio

A história demonstra que nos 500 anos desde a chegada de Cabral ao Brasil até hoje os índios vieram sofrendo um processo de extermínio. De lá para cá a população indígena foi reduzida de um número estimado entre dois e quatro milhões para 300 mil índios. O presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Roque Laraia, aponta a forma desordenada de integração entre branco e índio como a principal causa da ameaça ainda existente contra as comunidades indígenas.

Laraia ressalta que o processo de aculturação, em princípio, não é prejudicial, mas sim a maneira inadequada como tem sido feito. "Por se constituírem grupos mais fracos, os índios absorvem mais os valores culturais do branco", analisa. Em função disso, desde o século XVI tribos inteiras vêm

sofrendo uma crise de identidade cultural, que leva muitas ao próprio fim. No início do século, com a construção da ferrovia Noroeste do Brasil (SP), os índios Kaingang sofreram uma apatia, semelhante ao Banzo, que matava negros africanos escravizados no País. Todos os índios sucumbiram impotentes ao avanço da sociedade branca em seu território.

Recentemente a comunidade dos Kaiowás, do Mato Grosso do Sul, começou a registrar uma onda de suicídios atribuídos à perda de terra e dos valores culturais. "O contato traumático com a sociedade branca impede o discernimento dos padrões aceitáveis de intercâmbio", analisa Laraia. Na sua opinião, o agravante para a sobrevivência dos índios é que os contatos são sempre feitos por pessoas desqualificadas, como os grupos de garimpo.

Assim como no período de colonização, numerosas populações desapareceram vítimas de surtos de doenças, hoje esta ainda é a principal causa da mortalidade. Conforme levantamento feito pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), no ano passado, 69 índios morreram e 1 mil 905 foram atingidos por enfermidades. Destes, mil 195 por malária, dos quais 910 eram Ianomami.

Para o presidente da ABA, a falta de assistência aos índios é também histórica no Brasil. "A má administração da Funai e a omissão das gestões anteriores deixaram os índios largados à própria sorte", critica. No seu entender, a reversão da situação só é possível com uma política de respeito à cultura indígena e com a interrupção do processo de espoliação dos seus territórios.